

GISELDA LAPORTA NICOLELIS

histórias verdadeiras

ilustrações
Nelson Provazi

DÍALOGQ



editora scipione

Gerente editorial
Sâmia Rios

Editor
Adilson Miguel

Editora assistente
Gislene de Oliveira

Revisoras
Lilian Ribeiro de Oliveira
Paula Teixeira
Maiana Ostronoff (estagiária)

Editora de arte
Marisa Iniesta Martin

Diagramadora
Carla Almeida Freire

Programação visual de capa e miolo
Rex Design



editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400
Freguesia do Ô
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2012
ISBN 978-85-262-7972-8 – AL
ISBN 978-85-262-7973-5 – PR
Cód. do livro CL: 737231
3ª EDIÇÃO
3ª impressão
Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nicolelis, Giselda Laporta

Histórias verdadeiras / Giselda Laporta Nicolelis; ilustrações de Nelson Provazi. – 3. ed. – São Paulo: Scipione, 2010. (Série Diálogo)

1. Literatura infantojuvenil I. Provazi, Nelson.
II. Título. III. Série.

10-08890

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

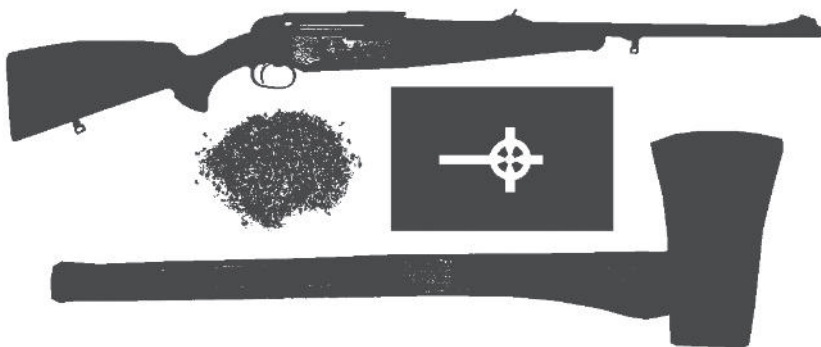
1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

É preciso viver entre os homens.
(Carlos Drummond de Andrade)

Para o Ângelo, com quem divido minha humanidade.

SUMÁRIO

1 A verdadeira história	6
2 Uma questão de amor	13
3 O encontro	19
4 Cicatriz na mente	25
5 Não dê comida aos animais	32
6 Tempos futuros	40
7 Os inocentes não têm perdão	48
8 Em nome da tradição	55
9 Quem é "D."?	61
10 Meu lugar é no rio	67
11 Não estamos sós	73



1

A verdadeira história

Quando o bote chegou à praia, os marujos saltaram e ajudaram o prisioneiro a descer. Tiraram as cordas de seus pulsos e depois colocaram sobre a areia as quatro únicas coisas que ele teria a partir daquele instante: a espingarda carregada, o machado, a bíblia e um pouco de fumo.

Ato contínuo, pularam novamente para dentro do bote e o puseram em movimento.

– Adeus, Alexander! – gritaram. – Deus se apiede de ti!

– Voltem, por favor, voltem!

Ainda tentou voltar ao bote, mas foi enxotado com um remo. Então se deixou estar, desanimado, na areia muito branca, enquanto os companheiros diminuíaam de tamanho à medida que se aproximavam do navio pronto para zarpar.

Alexander olhou à sua volta a praia que se perdia de vista. Estava numa ilha sem nome, que os marinheiros chamavam de “Sândalo” por causa da madeira que produzia em quantidade. Havia nativos por ali, todos sabiam, mas não pareciam ser hostis. E contra um homem só, praticamente indefeso, como se portariam? A munição não duraria para sempre...

Foi então que o silêncio se fez, repentino, estranho. Alexander retesou o corpo, atento... O vento tinha parado. Sem aviso ou explicação, a chuva caiu torrencial, com violência feroz, o céu parecendo desabar de uma só vez sobre a terra.

Blasfemando de raiva, Alexander catou seus únicos e preciosos pertences e tentou correr no meio da tempestade. Mas a areia da praia afundava sob seus pés, formando buracos lamacentos.

A custo, internou-se na floresta, que começava logo em seguida à praia, à procura de um refúgio. A espingarda e o machado trazia-os bem junto ao corpo, o fumo e a bíblia escondera dentro da roupa encharcada.

Não havia onde se esconder. Então, deixou-se estar debaixo de uma imensa árvore, com um buraco na raiz, onde colocou as únicas coisas que possuiria dali por diante. Assim que parasse a chuvarada, iria construir um abrigo.

Mas a chuva continuava a cair... Ele estava molhado até os ossos, enregelado e furioso. Tudo à sua volta estava terrivelmente ensopado. Parecia que aquilo nunca teria fim.

De repente, toda a sua vida lhe veio à lembrança. Recordou-se da mãe, uma mulher pobre mas decidida que criara, Deus sabe como, nove filhos, dos quais ele era o caçula.

Sempre rebelde, ansiando por aventuras, desde muito jovem engajara-se nos mais diversos navios e com eles corraera todo o mundo. Até que foi servir ao capitão inglês, de quem todos tinham medo, por ser implacável. Aí começaram seus problemas, culminando quando ele se recusara a carregar o navio de sândalo, a madeira cheirosa e rara que alcançava altos preços no resto do mundo e que só era encontrada em florestas perdidas na imensidão dos oceanos, em ilhas como esta. Afinal, ele era um marinheiro, não um lenhador!

Do outro lado da ilha, diziam, viviam os nativos. Algumas centenas deles, que se ocultavam nas sombras cada vez que os marujos desciam a terra, na rapinagem de madeira. Melhor assim, se esconderia também o mais possível deles.

E como veio, a chuva de repente parou, deixando as samambaias gigantes pingando água, num espetáculo bonito de se ver. Bandos de beija-flores de bicos vermelhos, que os marujos chamavam de coroas-de-fogo, voaram à procura de néctar. Ele pensou que, tal como os nativos da ilha, ele também poderia sobreviver. Encontraria peixes no mar e frutos silvestres na floresta. Teria de construir um abrigo e, antes de mais nada, encontrar água potável.

Água foi fácil, pelo menos depois de tanta chuva. Curvou a folha mais baixa de uma enorme samambaia e logo saciou a sede com água límpida e transparente. Mas começava a sentir fome e urgia encontrar comida...

Como num passe de mágica, o sol voltou a brilhar, selvagem e forte. Alexander tirou a roupa ensopada e pendurou-a